

SESSÕES DO PLENÁRIO

13ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 27 de maio de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à juíza federal Cynthia de Araújo Lima Lopes, proposta pelo signatário deste.

Convido para compor a Mesa o Sr. Deputado Estadual Jurandy Oliveira; a Sr.^a Deputada Estadual Fátima Nunes; o Sr. Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região Wilson Alves de Souza; o Sr. Diretor do Foro da Seção Judiciária da Bahia, o juiz federal Fábio Moreira Ramiro; a filha da homenageada, Sr.^a Ana Beatriz; o Sr. Presidente da Associação dos Juízes Federais da Bahia, o juiz federal Saulo José Casali Bahia; a Sr.^a Desembargadora Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Dr.^a Neuza Maria Alves da Silva; a Sr.^a Diretora da Asserjuf Ana Carla Brito Furrer; o Sr. Diretor do Núcleo de Bem-Estar Social – Nubes – da Justiça Federal, Luiz Quaresma de Mello Neto.

Solicito aos deputados Jurandy Oliveira e Fátima Nunes e ao Cerimonial que conduzam a este recinto a nossa homenageada, a juíza federal Cynthia de Araújo Lima Lopes.

(A homenageada é conduzida ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino Nacional com a banda de música da Polícia Militar, sob a regência do capitão Marcelo Sarmento.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurandy Oliveira): Neste momento, convido o deputado Jurandy Oliveira para assumir a função de presidente para que eu possa proferir o meu pronunciamento.

(O deputado Jurandy Oliveira assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurandy Oliveira): Com a palavra o deputado Adolfo Menezes.

O Sr. ADOLFO MENEZES: Quero saudar o meu colega novamente, no momento presidente, deputado Jurandy Oliveira, deputado de dez mandatos consecutivos, 40 anos nesta Casa. Quero parabenizá-lo, deputado Jurandy, porque não é fácil, são 40 anos sendo votado pelo povo da Bahia para representá-lo. Sr. Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Dr. Wilson Alves de Souza; Sr. Diretor do Foro da Seção Judiciária da Bahia, juiz federal Fábio

Moreira Ramiro; Sr. Diretor eleito do Foro da Seção Judiciária da Bahia, juiz federal Durval Carneiro Neto; Sr. Presidente da Associação dos Juizes Federais da Bahia, juiz federal Saulo Casali; Sr.^a Desembargadora Federal do Tribunal Regional Federal da 1^a Região, Dr.^a Neuza Maria Alves da Silva; Sr.^a Diretora da Asserjuf Ana Carla Brito Furrer; Sr. Diretor do Núcleo de Bem-Estar Social – Nubes – da Justiça Federal, Luiz Quaresma; Sr.^a Ana Beatriz, filha da homenageada; Sr.^a Juíza Federal e homenageada, Dr.^a Cynthia de Araújo Lima Lopes.

(Lê) “Meus amigos e minhas amigas, ‘A liberdade não é um luxo dos tempos de bonança; é, sobretudo, o maior elemento de estabilidade das instituições’. A frase é de Ruy Barbosa, que há quase 200 anos nos deixou, mas que continua vivo, valendo para os tempos de hoje, de ameaças ao Estado democrático de direito.

E, neste exato momento, as amplas portas democráticas da Assembleia Legislativa da Bahia estão mais uma vez abertas para a sociedade, para o povo. E, nos Anais desta Casa, registre-se que a Bahia concebeu, que na Bahia foi gestada e que a Bahia passou a dividir com o belíssimo estado do Amazonas o nascimento, como cidadã, da Dr.^a Cynthia de Araújo Lima Lopes.

A concessão, por esta Casa, do Título Honorífico de Cidadã Baiana à juíza federal Cynthia Lopes corresponde ao registro solene de que a Bahia, há tempos, já a havia acolhido, em seus afetuosos braços, como filha.

Corresponde também ao registro de que a Dr.^a Cynthia, de há muito, decidiu ser acolhida pela Bahia, desde 12 de novembro de 1995, quando assumiu, na 5^a Vara da sede da Seção Judiciária da Bahia, o cargo de juíza federal substituta.

A partir de então, a gestação dela como cidadã baiana foi marcada pela mais ampla contribuição ao desenvolvimento da Justiça Federal na Bahia e por sua intensa participação na vida acadêmica baiana.

Foi diretora do Foro da Seção Judiciária da Bahia e, como tal, a sua atuação foi fundamental para que a Justiça Federal pudesse ser ampliada em direção ao interior do estado.

Participou ela, ativamente, do conjunto de atos que resultou na instalação de varas federais em diversos municípios baianos. Seu trabalho como magistrada é reconhecido, por tantos quantos a conhecem, como um exemplo a ser seguido. Firmeza, coragem, conhecimento técnico e, sobretudo, sensibilidade humana são as marcas da atuação da juíza Cynthia, proferindo decisões cuidadosas, técnicas, justas e equilibradas.

Ao lado de uma verdadeira devoção à magistratura, ela também colocou a serviço da Bahia a sua dedicação ao magistério jurídico. Essa nossa amazonense por nascimento e baiana por escolha é corresponsável, ao lado de outros mestres, pela formação de gerações de bacharéis em Direito, como professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

Mas a sua baianidade não se limita à vida profissional, como magistrada e professora universitária. A sua vinda para a Bahia resultou também por enriquecer os quadros da 6^a Região Militar, sediada aqui, em Salvador, através de seu companheiro, o coronel do Exército Walter de Barros Rodrigues Lopes. Militar exemplar e pessoa humana amada por tantos quantos o conheceram, foi com ele que a homenageada

dividiu a existência por mais de 3 décadas, tendo como rebentos seus filhos Marcel, Rafaela e Ana Beatriz.

Com o Título de Cidadã Baiana, esta Casa Legislativa exerce a prerrogativa de reconhecer, em nome do povo baiano, que a Dr.^a Cynthia é mais um elo – um importante elo! – entre Amazonas e Bahia, duas belíssimas unidades da Federação.

A partir de hoje, estão em harmonia, numa só pessoa, os valores do Amazonas – maior estado brasileiro em extensão territorial – com os valores da Bahia – o mais tradicional dos estados, onde nasceu o Brasil. É como se fundissem, numa pororoca cultural e humanística, as gigantescas águas fluviais da bacia amazônica com as águas da Baía de Todos os Santos, uma das maiores do mundo.

Irmanam-se, por meio da cidadania baiana de Dr.^a Cynthia, o Forte de São José da Barra do Rio Negro e o Forte de São Marcelo; a planície de Manaus com as ladeiras de Salvador; as seringueiras da floresta com o cacau das nossas terras do sem-fim; o Teatro Amazonas e o Teatro Castro Alves; o Festival de Parintins e o nosso Carnaval; o Boi Caprichoso e o bloco Olodum.

É portanto, com a mais profunda sensação de baianidade, de liberdade e em nome da democracia, senhoras e senhores, que a Assembleia Legislativa da Bahia concede e confirma, à juíza federal Cynthia de Araújo Lima Lopes, o Título de Cidadã Baiana.”

Em 16 anos que estou nesta Casa, senhores e senhoras, nesta manhã de sexta-feira, Dr.^a Cynthia, em 16 anos, este é apenas o terceiro título que eu concedo, até porque eu procuro ser muito criterioso na concessão de tão importantes títulos aqui. Então, em 16 anos, este é o terceiro, com muita honra, pela história da senhora, mais do que merecida.

Então é um prazer ter sido proponente desta sessão e deste título.

Muito obrigado.

Que Deus proteja todos nós, proteja a senhora, mais do que merecida. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, convido a sua filha Ana Beatriz para entregarmos o título a Dr.^a Cynthia.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Neste momento, assistiremos a um vídeo produzido pelos amigos, de surpresa, para a Dr.^a Cynthia. Este é um vídeo dos amigos e das amigas para a senhora.

Aí está a surpresa para a senhora.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Dr.^a Cynthia, eu agora estou vendo o quanto a senhora é querida.

E, com tanta emoção, eu fui, até, um pouco contagiado ao ver a senhora lacrimejando. Este presidente, que quem olha para mim diz... Minha mulher... Vou quebrar um pouco o protocolo. Diz minha mulher que quem olha para mim pensa que é um *pit bull*; mas quem me conhece diz que eu sou um *shih-tzu*, aquele que não late. (Risos) Então, juro que, com o coração mole, cheguei até a lacrimejar com a emoção desta sessão, dos seus colegas e da senhora presente.

Então, tenho a satisfação de passar a palavra à nossa homenageada, à nova baiana, à juíza federal Cynthia de Araújo Lima Lopes. (Palmas)

Quero saudar todos os juízes na pessoa do juiz federal Carlos d'Ávila; saudar todos.

Com a palavra a nossa nova baiana, a Dr.^a Cynthia.

A Sr.^a CYNTHIA DE ARAÚJO LIMA LOPES: Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em sua pessoa, eu saúdo as autoridades presentes, saúdo os meus amigos.

Esta homenagem, assim, ela saiu completamente do controle. Eu fui, realmente, surpreendida. Além de estar profundamente emocionada, fui muito surpreendida. Os depoimentos me comoveram bastante, principalmente, o do deputado Adolfo. Mas, vamos lá, também nessa linha da informalidade.

(Lê) “tanta coisa bonita que tem na Bahia que é meu lugar
tem meu chão; tem meu céu, tem meu mar
a Bahia que vive pra dizer
como é que faz pra viver
onde a gente não tem pra comer
mas de fome não morre
porque na Bahia tem mãe iemanjá
de outro lado o Senhor do Bonfim
que ajuda o baiano a viver
pra cantar, pra sambar pra valer
pra morrer de alegria
na festa de rua, no samba de roda
na noite de lua, no canto do mar
eu vim da Bahia
mas eu volto pra lá
eu vim da Bahia mas algum dia eu volto pra lá.”

João Gilberto immortalizou nessa canção todo seu amor pela Bahia. Um verdadeiro canto de louvor a essa terra grandiosa, onde os baianos, como disse Walter Queiroz Junior, ‘cantam, dançam, pintam, escrevem, tudo mais, para, dando vazão a uma rica sensualidade, também agradecer por tanto céu, tanto mar, tantas comidas gostosas, tanta vontade de amar, tanta musicalidade.’ Um povo poderoso, nas palavras do mesmo escritor, pela miscigenação, misturando o legado de três etnias: ‘Viu-se obrigado, desde os seus primórdios, a estabelecer ardis de sobrevivência, como a capoeira e o candomblé. E que fez do sincretismo uma forma de resistir ao catolicismo dominante, dado que durante muito tempo foi a única religião consentida, especialmente pelos Jesuítas.

E eram orixás que precisavam ficar à sombra das imagens dos santos católicos, como forma de ocultar a crença de matriz africana que compõe o panteão dos deuses baianos, circunstância que infunde traços originais no catolicismo da terra. Aliás, originalidade...” – ainda nas palavras do mesmo escritor – (Lê) “(...) é o que não falta ao baiano, bem como sua inabalável fé. E por falar em fé, há uma frase que para mim sintetiza bem o espírito baiano: ‘Nós somos místicos, católicos, dependemos da fé

para sobreviver. Milagre faz mais parte da vida do baiano do que a razão.’ E, também, como já apregoeou Jorge Amado: ‘Na Bahia tudo se mistura e vai se misturando cada vez mais.’

De acordo com a visão do escritor austríaco Stefan Zweig, na década de 1940, quando aqui esteve: ‘O verdadeiro encanto da Bahia reside no fato de nela tudo ainda ser genuíno e não propositado: as chamadas coisas dignas de serem vistas não se impõem ao forasteiro, acham-se incorporadas de um modo imperceptível no conjunto. Velho e novo, presente e passado luxuoso e primitivo, tudo isso se une para formar um só quadro emoldurado por uma das mais tranquilas e aprazíveis paisagens do mundo.’

Ou como escreveu o jornalista Junot Silveira: ‘Quem diria que todas as raças, todos os sangues correndo nas veias de um povo, um povo só, o mesmo povo seria o mais amiguelo, o mais festivo, o mais alegre e o mais animado deste mundo? Um povo dengoso, cheio de rezas e de santos, de patuás e orações, como esse povo diferente e místico, mais místico e diferente do mundo', que é o da Bahia (...) tendo apanhado de chibata ao atravessar o Atlântico, nos engenhos de açúcar, trabalhando nos canaviais, movimentando as moendas, enchendo e virando os tachos de melaço, plantando e colhendo café sob o olhar duro e o chicote mais duro ainda dos feitores! Ou nas ruas das grandes cidades, como Salvador da Bahia, conduzindo sobre os ombros as cadeirinhas de arruá com senhores e sinhazinhas! Os pretos, tremendamente sofridos, também tiveram os seus momentos de rebeldia, como os dos Palmares, mostrando coragem de fera. Como também mostravam a mesma coragem de fera ao lado de brancos e índios para expulsar holandeses e franceses. Éta Brasil diferente! Tão diferente que três raças distintas se amalgamaram ao longo do tempo; na guerra e na paz, e delas formou-se um contingente pobre, um aglomerado imenso, uma massa numerosa, um povo unido pela língua, pelos costumes, pela religião e pelas tradições. É esse um liame que se fortalece dia após dia, queiram ou não uns poucos nazistas.’

Um povo valente, sofrido e marcado por 300 anos de escravidão, que muito sofreu na pele as barbaridades do colonizador português. E, por tudo isso, um povo guerreiro, que não hesita em lutar pelo que lhe parece justo. Basta ver os episódios históricos notórios como a Conjuração Baiana (1798); a Independência do Brasil na Bahia, que culminou no dia 2 de julho de 1823, com a adesão da província da Bahia à Independência do Brasil, afluído pelo sentimento federalista emancipador de seu povo. Como registra a história: a Revolta dos Malês (1835); a Sabinada (1837-1838);

a Guerra de Canudos (1896-1897). Bravura que permanece, revelando-se uma sociedade crítica, cônica de seu espaço no mundo, porque senhora de suas tradições como o candomblé, em que os orixás ostentam traços humanos. Consciente de sua cultura, de suas festas, como as de Iemanjá, Carnaval, procissão marítima de Bom Jesus dos Navegantes, festa da Independência da Bahia, de Santa Bárbara, de São João – no interior do estado –, que valoriza suas danças como a capoeira, de origem africana, que mistura música e artes marciais de seus deuses, que se orgulha de sua música, de seus ritmos diversificados, como o axé, palavra oriunda do candomblé, de sua gigantesca e difusa religiosidade que está entranhada na vida do baiano, de seu

futebol, no qual ressaí a rivalidade histórica e sadia entre grandes times – o “Baêêa” e o Vitória –, do insuperável acarajé.

Todos bens imateriais absolutamente inalienáveis e irrenunciáveis porque radicam da essência do baiano, de sua alma, de seu espírito, como uma projeção de sua personalidade, e que determinam sua forma de ver e de se comportar diante do mundo.

E por que não trazer à memória o Pelourinho? Quem não se lembra do projeto de verão Pelourinho Dia e Noite? Que guardava intensas e efervescentes programações culturais, como shows, exposições, apresentações teatrais, cinema, os tambores do Olodum, neste espaço consagrado mundialmente como patrimônio da cultura americana integrado na herança da civilização ocidental, declarado pela Unesco como monumento histórico, sendo a mais importante arquitetura barroca do mundo. Um patrimônio monumental, que a Bahia guarda em suas entranhas.

Mas o Pelourinho, nos dizeres de Edilene Matos, professora da Ufba, ‘não só se nutre de personagens reais, os da ficção escapam dos livros e ganham de novo as ruas, e são frequentes: Pedro Archanjo, Quincas Berro d’Água, Mestre Lídio Corró, Quitéria de Olho Arregalado e tantos outros criados pela pena de Jorge Amado, que lá morou.

O que há de mais extraordinário no Pelourinho...” – continua a professora – (Lê) (...) é a conjunção de cultos, de raças, a diversidade de gostos, a fusão de elementos dispares, o convívio do povo com outra classe que, agora, o frequenta também.’

A Bahia, imortalizada nas esculturas e pinturas de Caribé, Mário Cravo, na literatura de Jorge Amado, que construiu personagens que representam o povo baiano, com sua mestiçagem e alegria. Da música: Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Carlinhos Brown, na voz Maria Betânia, Gal Costa e tantos e tantos e tantos outros artistas que fazem de sua arte uma verdadeira profissão de fé. Contando e cantando a Bahia para o mundo que a aplaude jubilosa e entusiasticamente.

Todo esse universo grandioso habitou meu imaginário desde a mais tenra idade. Na intenção de destrinçar as teias que tecem meu legado familiar, faz-se mister viajar pelo século XIX.

Farei um brevíssimo relato histórico. Nascida na longínqua Manaus, neta de baiana, Josephina era o nome dela, pequenina como um bibelô, branca e de olhos profundamente azuis. Cresci embalada por ricas histórias de sua velha Bahia. Ela que viveu até a juventude aqui em Salvador, residindo na rua General Labatut, Barris, prima de Walter da Silveira, crítico cinematográfico, fundador do Clube de Cinema da Bahia, lá pelos anos de 50. E só vim a conhecer a importância do seu legado para o cinema no Brasil muitos anos depois.

Josephina conheceu o meu avô, amazonense e descendente de cearense, nascido nos idos de 1889 que, para que cá, viera estudar no início do século XX. Visto que em Manaus então não havia faculdade medicina. Formou-se e voltou para Manaus, para exercer seu ofício, prometendo a dona Josephina que voltaria um dia para se casar com ela. Passaram-se 7 anos e ele voltou, para cumprir a sua promessa de casamento. E Josephina com ele se foi para o interior do Amazonas, deixando a sua

velha Bahia, para viver seu destino com o homem que escolhera para amar por toda sua vida, renunciando assim a sua terra, mas não a seu amor por ela.

Cada vida tem o seu caminho. E para lá se foi Josephina, levando na bagagem a sua história, suas memórias das manhãs dos anos aqui vividos. Um sonho a trouxe de volta à sua terra alguns anos depois. Josephina queria ter um filho baiano. Uma única vez ela retornou a Salvador, para realizar esse sonho. Nunca mais ela aqui pisou. E este seu único filho baiano...” – dentre 11 que ela teve – “(...) mais adiante vem a Salvador, para graduar-se em Medicina, casando-se também com uma baiana...” E leva a baiana para Manaus. (Lê) “(...) seguindo o caminho semelhante ao do seu pai.

Cheguei a Salvador em 1995 aprovada no concurso de juiz federal. Morando em Brasília, foi-me facultado escolher: Bahia ou Minas Gerais. Não pestanejei, segui minha estrela guia que apontava a Bahia como meu desígnio! E aqui estou há quase 27 anos, pouco menos da metade da minha existência.” Façam as contas. (Lê) “Posso dizer, no entanto, que durante toda ela a Bahia já estava dentro de mim. Nos outros anos, a Bahia esteve antevista em sonhos, através das histórias contadas pela dona Josephina, que embalaram e alimentaram minha infância, de modo que quando aqui cheguei, uma parte do meu ser já era baiano. Já tinha como minha esta terra extraordinária! Pela sua diversidade intrínseca, na qual se fundem um vasto caudal de culturas e de crenças. Nascia assim minha atividade judicante. Tudo era novo. O futuro se abria. Novas descobertas. Novos amigos. Novos projetos de vida. Novas experiências. Novos desafios. Novas realizações! Aqui aprendi a ser juíza! Aprendi que o Judiciário exerce a suprema função de transformação social, tendo como objetivo maior a construção de uma sociedade livre, justa, solidária e democrática, que sabe que a liberdade de expressão não contempla ataques às instituições e aos Poderes da República, ciente de que não há direitos ilimitados e cujo conceito não abriga qualquer tipo de arbítrio. Um Judiciário consciente de seu dever de defender a democracia contra qualquer ruptura institucional que coloque em risco o legado de décadas de lutas, que não pode abandonar o compromisso de ‘tornar efetivos e não meramente simbólicos os direitos dos cidadãos’, como averbou Mauro Cappelletti. Um Judiciário que garanta o direito à diferença como manifestação da pluralidade social, essencial em toda a democracia.

Grande parte do que sou devo aos ensinamentos aqui hauridos, muitos dos quais na convivência com inúmeros colegas da magistratura federal. Permito-me mencionar alguns nomes, dentre outros, que encontrei ao aqui chegar e que tenho até hoje como fonte de inspiração e profunda admiração, amor mesmo, meus amigos irmãos conselheiros de todas as horas, Salomão Viana e Nilza Reis.”

Salomão Viana, obrigada pelas lindíssimas palavras.

(Lê) “Nomes que honram a magistratura federal, pela dimensão intelectual e pela defesa intransigente de seus ideais de justiça, além dos valorosos e admiráveis magistrados, e que acreditam que a atuação do Poder Judiciário deve se pautar pela redução da desigualdade latente na sociedade, como Saulo Casali, presidente da Ajufba; Fábio Ramiro, ilustre diretor do foro, que ora se despede da Seção Judiciária da Bahia, deixando uma marca de excelência na administração.” E tantos outros

amigos queridos. (Lê) “Cláudia, Scarpa, Paulo Pimenta, Igor, Ailton, Sandra...” É tanta gente. (Lê) “Régis, Milena, Mariane, Tiago Borré...”

Ana Carolina, Mei Lin, Lilian, Airã, Pedro Braga, Carlos d’Ávila, Rosana Noia, desembargador Wilson Alves. Ezequiel, que não está aqui. Durval. Enfim, perdão pela omissão, devo ter esquecido alguns amigos, não é? Cristiana, amigas do peito, Carolina Viana, também muito querida, Adriane... Ainda entre os juízes, Robson, Renata Quadros... Enfim, são muitos, são muitos amigos. É... Pompeu, de quem guardo as mais doces lembranças, aproveitando para mencionar Adriane, aqui, amiga também, Dayana, também uma amiga do peito, de todos os momentos, que acredita... Todas essas pessoas, todos esses juízes, acreditam firmemente no Poder Judiciário, são vocacionadas à construção de uma sociedade justa, livre, solidária e inclusiva.

Aqui granjeei os melhores amigos. Como vocês podem ver, não são poucos. Costuma-se dizer que amigos verdadeiros não cabem na palma de uma mão, no meu caso, não há mão que chegue para contá-los. Como foi bom viver tudo isso, como foi bom.

A sensação que tenho é que nos últimos anos passaram-se dias apenas, mas dias profícuos de profunda aprendizagem. Tenho orgulho da minha trajetória como magistrada, sempre estive comprometida com o direito, acreditando fortemente que juízes independentes são a maior garantia do cidadão e que só um Poder Judiciário consciente de sua enorme responsabilidade social pode contribuir para a consolidação e reafirmação do Estado Democrático de direito, com inclusão social, racial e de gênero...” (Palmas)

“(...) Poder Judiciário independente constitui verdadeiro patrimônio do conjunto de toda a sociedade brasileira, conquanto eu reconheça que falta ainda a este Judiciário aceitar a importância da mulher em sua estrutura, em seus cargos diretivos. O Judiciário ainda se ressentido, é necessário admitir, de uma maior participação feminina.

Após 27 anos...”, quase 27, vão se completar em novembro, “(...) na magistratura federal, o que posso dizer é que tenho o mesmo brilho nos olhos de quando aqui cheguei, que me engajo todos os dias para ser uma magistrada melhor, valorizando todas as vidas que atravessam meu caminho em razão desse mister. É muito gratificante saber que tenho feito algum bem, por menor que seja, na vida dessas pessoas no sentido de aplacar o sofrimento e a angústia de vidas relegadas a tanta indiferença, a tanta invisibilidade e a tanto sofrimento.

Por tudo isso, devo confessar que me orgulho imensamente de ser uma magistrada federal, uma missão na qual entrego o melhor de meus dias, uma entrega feliz porque traduz um verdadeiro compromisso amoroso com a magistratura.

Ser professora da Universidade Federal da Bahia é outra atividade que muito me honra. Levo para a sala de aula todo o aprendizado que minha experiência como juíza me confere; trago de lá, do exercício da docência, para o meu dia a dia na Justiça Federal, reflexões e saberes hauridos junto aos jovens docentes, que contribuem para a melhoria da minha condição de magistrada. E nessa troca virtuosa, me enriqueço cada vez mais.

Sr. Presidente, Srs. Deputados aqui presentes, este título tem para mim um significado intraduzível, representa a coroação, a oficialização de um sentimento há tanto guardado, a concretização de um sonho...”, devo confessar, “(...) há tanto acalentado.

Dona Josephina, se viva, custaria a acreditar. Sua neta fez o caminho inverso, como que resgatando a sua vida não vivida aqui, e ainda se tornou baiana, para completar. Ficaria, decerto, imensamente feliz, como eu neste momento.

Como disse um amigo, nascer baiano é uma sorte, tornar-se baiano é uma dádiva, e esta dádiva que hoje me é concedida pelo povo baiano, através de seus legítimos representantes, por tantas razões, significa a mais valiosa honraria que eu já recebi, de modo que ficará gravada em meu coração, já agora baiano, para sempre...” (Palmas)

“(...) E assim posso vivenciar um dos melhores dias da minha vida, radioso, especial, alegre, vibrante...”, emocionante, comovente, surpreendente, “(...) porque esta sexta-feira de maio vai viver eternamente em mim, graças a Deus! E digo graças a Deus...”, faço questão de esclarecer, “(...) no sentido empregado por Luiz Felipe Pondé, como forma de reconhecimento intuitivo do fato de que estamos nas mãos da contingência incontrollável, e por isso mesmo devemos agradecer a ela tudo de bom que por sorte nos acontece. É uma profunda forma de reconhecimento da frágil beleza da vida, é uma confissão de humildade, que é sempre uma forma dessa mesma beleza.

Para concluir, quero manifestar meus sinceros agradecimentos à Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, na pessoa de seu presidente, deputado Adolfo Menezes, que teve a iniciativa de conceder-me este título...”, e por proferir palavras tão emocionantes, deputado, o senhor me comoveu imensamente, “(...) Este título é um galardão valioso que elevarei vida afora.

Peço licença para render um tributo pessoal à desembargadora federal Neuza Alves da Silva...”, a quem eu peço uma salva de palmas (palmas), “(...) de quem fui substituta logo que aqui cheguei para julicar na 5ª Vara Federal. Muito com ela aprendi sobre o ofício de juiz, sobre julgar com humanidade, com justiça, numa busca incessante pela interpretação da lei que melhor se coadune com este valor. Meu primeiro exemplo na magistratura...” Neuzinha, você foi, você foi. (Palmas)

(Lê) “(...) Também ao desembargador federal Tourinho Neto, que sempre soube julgar com sensibilidade, e extrema coerência, e com um respeito profundo à dignidade dos réus. Um juiz intemorato, como devem ser todos os juizes.

À minha filha, Ana Beatriz, que se faz presente com o coração em festa como o meu. A cada um dos amigos que acorreram a esta solenidade em especial deferência à minha pessoa, gesto que muito me desvanece e comove. Saibam que me deram imensa honra, como Luiz Quaresma, todo o pessoal da 14ª Vara...”, Maria de Fátima, Eliana, Nere, é tanta gente, Obaninho, Olga, Joaquim, é muita gente, muita gente, meu amigo Fliper; meu querido juiz Igor; enfim, é muita gente. Isto aqui me emociona imensamente. A todos, enfim, a minha mais profunda gratidão.

E gostaria de finalizar com os versos de Saulo Fernandes.

“Salvador, Bahia, território africano

*Baiano sou eu, é você, somos nós
Uma voz, um tambor*

.....

*África, iô iô
Salvador, minha cor
A raiz de todo bem, de tanta fé.”*

Muito obrigada a todos.

(A homenageada é aplaudida de pé.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Parabéns à nova baiana, Dr.^a Cynthia de Araújo Lima Lopes.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino da Bahia, com a banda de música da Polícia Militar, sob a regência do capitão Marcelo Sarmento.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço pela presença a todas as autoridades civis e militares, à imprensa, e declaro encerrada esta sessão tão emocionante, Dr.^a Cynthia. Uma das mais emocionantes de que eu já participei aqui, nesta Casa.

A homenageada receberá os cumprimentos aqui ao lado, no salão nobre.

Declaro encerrada a presente sessão e que Deus proteja a todos nós.

Muito obrigado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.